

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL PÚBLICO

Ana Maria Miranda Pedroso¹

Vilmar Malacarne²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo socializar uma experiência realizada com alunos da 5ª série (6º ano) do Ensino Fundamental em uma Escola Pública da cidade de Cascavel, no Oeste do Paraná. Apresenta algumas reflexões sobre os limites e as possibilidades da Filosofia enquanto espaço de discussão na perspectiva da Educação para o “Pensar”, de Matthew Lipman. A atividade foi desenvolvida a partir do Projeto de Pesquisa produzido por uma professora do Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná durante o biênio 2008/2009. Neste, são apresentadas algumas questões sobre a atuação da Filosofia, quando do Ensino Fundamental, no que diz respeito às possibilidades de uma maior interação do aluno com a realidade na qual está inserido. A pesquisa apresenta alguns aspectos de investigação e de práticas educativas realizadas com professores, alunos e pais de alunos, embasadas na proposta do autor citado. O trabalho discorre também sobre os desafios colocados ao estudo da Filosofia no espaço escolar defendendo sua necessidade, dado que oportuniza ao aluno um ambiente educativo e reflexivo, que instiga a curiosidade, a investigação, a argumentação, a criticidade e a criatividade, entre outras, objetivando uma melhor compreensão da realidade que cerca a escola em seu fazer pedagógico na sociedade contemporânea.
Palavras-chave: Filosofia. Ensino Fundamental. Reflexão.

ABSTRACT: The purpose of the present paper is to socialize a carried out experience with students of the 5th grade (6th year), from elementary school in a public school from Cascavel city, in the Paraná west. Here, we show some reflections about the boundaries and the possibilities of the philosophy while a discussion *locus* on the perspective of the Education to thinking, by Matthew Lipman. The activity was developed from the researching project produced by a teacher of the educational development program from Paraná, during 2008/2009. Here, it's showed some questions about the applied philosophy, in regardless elementary school, regarding to the possibility of a large interaction from student with the reality where it is subjected. The research show some investigation aspects and teaching practices accomplished with teachers, students and parents, supported on the quoted purpose's author. The work also brings up about the placed challenges to the philosophy studying in the school, championing its needs. That offers to the student an educative and a reflexive environment, which in entices the curiosity, the investigation, the argumentation, the criticized and the creativity, aiming a best comprehension of the reality that is around the school in its pedagogical making in the modern society.

Keywords: Philosophy. Elementary School. Reflection.

¹Profª PDE - Pedagoga da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná. E-mail: anamp@seed.pr.gov.br

²Prof. Orientador. Doutor em Educação. Professor da Unioeste. Membro do Grupo de Pesquisa em Formação de Professores de Ciências e Matemática. E-mail: mala@unioeste.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce de um projeto de pesquisa realizado com alunos e professores do ensino fundamental público na cidade de Cascavel, PR, no qual se discute a presença da Filosofia nesse nível de ensino. Durante a realização da pesquisa, a principal contribuição que gostaríamos de socializar diz respeito à experiência feita com crianças, em que se contemplou a Filosofia no espaço escolar como uma ferramenta capaz de auxiliar estes alunos nos momentos em que eles necessitam de se posicionar diante dos desafios do cotidiano.

O tema Filosofia para crianças é um assunto não muito discutido no Ensino Fundamental. Questionar sobre o porquê desse tema, quais as razões que justificariam a realização de um estudo sobre o mesmo na escola nesse nível de ensino implica na necessidade de refletirmos sobre isso. De onde vem a proposta de trabalhar a Filosofia com Crianças? Para responder tal questionamento, chega-se ao pioneiro, educador e filósofo norte-americano Matthew Lipman que, na década de 1960, preocupado com os alunos que não tinham o hábito de interagir espontaneamente, isto é, não questionavam o professor sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula, apresentando assim um baixo rendimento escolar, resolveu pesquisar sobre o assunto e acabou elaborando um programa de ensino, o qual denominou “Filosofia para Crianças”. O objetivo da proposta era de “reformular” o sistema educacional da época, pois acreditava que, da forma como estava organizado, as escolas não oportunizariam o desenvolvimento adequado das habilidades cognitivas dos alunos.

Atualmente, bem como na época de Lipman, o sistema educacional brasileiro é motivo de reflexões na tentativa de mudanças na obtenção de qualidade de ensino. Algumas práticas educativas presentes em nossas escolas, como os conteúdos ensinados de forma descontextualizada, precisam avançar para um ensino de orientação ao aluno, de buscar informações necessárias ao seu cotidiano. Assim, inserir na escola uma proposta educativa filosófica, uma educação para o “pensar”, como se refere Lipman, que vá para além dos conteúdos e oportunize aos alunos refletir sobre a realidade na qual estão inseridos, é algo mais do que importante e uma discussão atual.

A concepção de processo educativo reflexivo já se encontra nas Diretrizes Curriculares de Filosofia da Educação Básica do Paraná quando descreve alguns argumentos para justificar o ensino de Filosofia no ensino médio, em que se diz: “É no espaço escolar que a Filosofia busca demonstrar aquilo que lhe é próprio: o pensamento crítico [...] onde sujeitos exercitam a inteligência, buscando o diálogo e no embate entre

as diferenças a sua convivência e a construção da sua história.” (DCE: 2006, p. 21-22). As Diretrizes Curriculares, embora direcionadas apenas ao ensino médio, encaminham o estudo da Filosofia no espaço escolar do mesmo modo que Lipman argumentava, desta forma, mais do que justo que a perspectiva de uma educação para o “pensar”, uma educação reflexiva também seja pensada para o Ensino Fundamental e esta é a problemática deste artigo.

A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DA FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS.

Lipman, fundamentado nas ideias de Dewey sobre uma educação democrática, na qual todo o aluno tem o direito a participar e contribuir com o processo educativo, além de buscar fundamentos teóricos que justificassem a importância do papel da Filosofia na educação das crianças, desenvolveu uma metodologia e um currículo específico para a proposta. Ele partiu do princípio de que a participação das crianças em investigações filosóficas, realizadas em grupo, poderia aprimorar o potencial cognitivo dos alunos.

Lipman lançou a ideia de que as crianças podem e merecem ter acesso à Filosofia e, na tentativa de provar suas convicções, desenvolveu materiais didáticos na intenção de que sua ideia fosse uma realidade. Para levar até as crianças conceitos filosóficos, construídos em toda a história da Filosofia Ocidental, Lipman criou histórias, denominando-as, “Novelas Filosóficas” em forma de romances, contos com linguagem narrativa, acessível à faixa etária dos alunos, com as quais as crianças poderiam se identificar.

Nessas histórias, não são utilizados os nomes reais dos filósofos, mas as suas palavras e seus pontos de vista são apresentados na fala dos personagens-crianças. São as crianças das histórias os personagens que dizem aquilo que Aristóteles, Santo Tomás, Spinoza, Marx ou Dewey têm colocado. É como se os filósofos tivessem uma longa conversa, mesmo que tenham morrido há muito tempo. Quando as crianças leem ou ouvem estas histórias, é como se elas estivessem participando dessa conversa. (SHARP. 2000).

Lipman criou também “Manuais para Professores”, instrumentos propícios para manter as discussões, fomentar o diálogo e o raciocínio sobre os temas levantados nas novelas. Contudo, os manuais não podem ser vistos como cartilhas a serem seguidos fielmente, por serem materiais de apoio ao professor na contribuição a melhorar sua prática pedagógica na busca da formação integral do aluno. As “Novelas Filosóficas”,

adequadas a diferentes séries escolares, trazem temas diversos como: Deus, mundo, ser humano, origem, ecologia, identidade, linguagem, pensamento, educação, igualdade, verdade, esperança, cooperação, beleza, regras, racismo, personalidade, competição, consumismo, inclusão, preconceito e tantos outros conteúdos considerados atualmente como desafios contemporâneos.

Na década de 1970, o programa “Filosofia para Crianças”, espalhou-se pelo mundo. No Brasil, a proposta chegou à década de 1980, pela professora Catherine Young e Silva, a qual fundou, em 1985, o CBFC - Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, uma entidade civil, sem fins lucrativos, que tinha a finalidade de divulgar a proposta e habilitar professores para trabalhar com este sistema.

Atualmente, pode-se dizer que o que justifica a proposta Filosofia no Ensino Fundamental perpassa pela melhoria da prática pedagógica e da qualidade de ensino, pois se analisarmos os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas de Ensino Fundamental da rede pública do Paraná, a questão da filosofia (Filosofia da Escola), que é citada neles, observa-se que está explícita o tipo de homem que a educação (aquela escola) pretende formar. Em tais falas, é comum encontrar que o objetivo da educação é formar um cidadão crítico, responsável preparado para um pensar e agir autônomos. Por outro lado, poderíamos nos perguntar: mas que influência esse discurso tem na prática pedagógica? Tal discurso só terá influência na prática quando cada professor e cada aluno se fizerem sujeito do processo educacional, tanto de ensino quanto de aprendizagem, na intenção da transformação da realidade na qual estão inseridos.

A qualidade da Educação (principalmente) pública, atualmente, é alvo de discussões e questionamentos quanto a sua competência, tanto no ensino formal quanto na formação pessoal e social do indivíduo. Fala-se muito em ensino de qualidade, porém qualidade no sentido de apropriação de conteúdos, de preferência expressa nas avaliações de desempenho escolar governamentais.

Pesquisas mostram que o rendimento escolar brasileiro no ensino fundamental elevar seu nível. Com relação ao Paraná, o Ideb/2007 - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - aponta o Estado, juntamente com o Distrito Federal, como um dos melhores desempenhos no processo de educação pública do país. Apesar desta situação, há a necessidade de refletirmos sobre a melhoria nos índices de rendimento escolar no Paraná. O que teria contribuído significativamente para essa melhoria? Refletir sobre a demanda da escola e de suas ações pedagógicas é fundamental para que a mesma possa cumprir sua função e alcançar um ensino de qualidade.

É na busca por esta melhoria da prática pedagógica que esta reflexão se justifica, isto é, a proposta “Filosofia para Crianças”, na perspectiva educação para o “Pensar”, vem ao encontro da necessidade de um processo educacional que possa desenvolver a ação reflexiva já a partir da infância. A proposta deseja desafiar o aluno a pensar de maneira organizada e crítica sobre os valores da sociedade, os quais a escola transforma ou perpetua. Seguindo-se esta proposta e que coloca a criança na condição de pensar sistematicamente (sem que com isso se perca o espírito que é próprio da idade e que precisa brincar) espera-se que o adulto tenha maiores condições de compreender com melhores elementos a realidade que o cerca e da qual é elemento constituinte e, assim, se possa almejar uma qualidade maior para a educação no país.

A pedagoga e escritora Maria Luiza Silveira Teles, em seu livro “Filosofia para Crianças e Adolescentes”, aponta.

A Filosofia se propõe a determinar o sentido dos acontecimentos e a atitude a assumir diante deles e ainda: O que assistimos na atualidade? A predominância da violência, da indiferença, da hostilidade, do desamor, do individualismo, a ausência de colaboração, de ordem, de respeito, de diálogo, de confiança, de sinceridade, de responsabilidade, de gratidão, de paz [...] (TELES: 1999, p.11).

E complementa:

O ser humano tem desenvolvido muito a ciência e a tecnologia, mas pouco a moral, a ética e as relações humanas. Temos que buscar novas diretrizes que possam reverter esse quadro. É papel das instituições educativas, pois, e principalmente da escola, ensinar nossos educandos a pensar e a refletir. Seu principal objetivo deve ser o de oferecer a oportunidade para que o novo ser possa se tornar uma consciência autônoma, frente a si próprio, aos outros, ao mundo em que vive. Aí entra o papel da Filosofia (Idem, p.12)

Concordando com as colocações da escritora, coloca-se ainda que a prática educativa e a interação do professor com seus alunos podem contribuir na construção do pensamento crítico-reflexivo do aluno na luta pela transformação da sala de aula em laboratório vivo de reflexão por meio da Filosofia. Nessa intenção é que se apresenta a Educação para o “Pensar”, como uma justificativa para a inserção da Filosofia com crianças.

UMA EDUCAÇÃO PARA “O PENSAR”

A justificativa da proposta pedagógica Educação para o “Pensar” expressa uma problematização: Qual seria o motivo presente na escola que a justificasse no ambiente escolar? Relembrando que os problemas, motivadores das reflexões de Lipman, da

educação geralmente se apresentam, na maioria das escolas, como infelizmente regra, nosso “problema” não fugiria desta realidade, pois envolve a pouca interação entre professor e aluno. Quando observamos a dinâmica da sala de aula, podemos notar que a maioria dos alunos apresenta dificuldades em interagir com espontaneidade, isto é, em fazer perguntas ao professor em relação ao conteúdo exposto. Não se sentem à vontade em expor suas dúvidas, apresentando também dificuldades em assimilar conteúdos, apresentando assim um baixo rendimento escolar.

Quando se pergunta aos professores por que isso acontece, são quase unânimes em dizer que a criança, o jovem de hoje, aparentemente não demonstra interesse em aprender ou que estão constantemente distraídos e conversando com colegas, mesmo nos momentos de explicações do conteúdo pelo professor. Os professores afirmam também que os alunos não se concentram no que o professor está tentando lhes ensinar, não sabem ouvir o outro. Sumarizando, não respeitam a fala do professor nem dos próprios colegas.

Por que isso acontece? Esse “problema” precisa ser investigado. De onde vem isso e o que fazer com isso? A constatação de um problema não pode ser argumento suficiente para justificar um fracasso. Se isso está acontecendo de fato, como poderíamos agir, na tentativa de mudar essa realidade? Como despertar o interesse do aluno pela aprendizagem?

Nesse contexto, pode-se dizer que o processo educativo deve ser repensado. Da mesma forma, não se pode reduzir o problema de aprendizagem ou de ensino aos alunos ou ao professor, ou ainda a qualquer dado isolado. Neste espaço educativo, transitam diversos valores e relações de poder, compondo uma rede de problemas que necessitam de reflexão, de diálogo, no qual possam surgir alternativas possíveis de soluções. É nesse sentido que a Filosofia para crianças entra enquanto ferramenta a disposição na busca pela superação desta realidade.

Para Lipman, perguntar e discutir devem ser a base do conhecimento sendo assim nos momentos de reflexão, repensar a prática pedagógica do professor é de suma importância. Para Malacarne (2005), a sala de aula precisa ser um ambiente significativo para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Para almejar o êxito, o aluno deve ser colocado em um ambiente onde o perguntar e o discutir deve ser a base do conhecimento, e não a memorização. O questionamento como base do conhecimento, por meio da mediação do professor, oportuniza aos alunos não somente internalizar

conteúdos, mas também pensar sobre esses conteúdos. Porém, como ensinar ao aluno o hábito de fazer perguntas, de questionar?

Nonato Nogueira nos coloca que:

A proposta do projeto é que o professor seja orientador de debates, assim como ele deve ser bem informado, a prática de sala de aula é fundamental, pois os livros-textos são apenas pretextos alimentadores das discussões [...] A idéia é estimular as crianças a pensar, aguçar a mente para não aceitar nada pronto ou dado. Na escola elas devem sempre ser críticas, questionadoras e capazes de construir o conhecimento a partir de suas experiências cotidianas (NOGUEIRA: 2008, p. 42).

A proposta “Filosofia para Crianças”, enquanto proposta educativa, traz como centro de seus estudos o “diálogo investigativo”, instrumento didático que procura desenvolver no aluno a capacidade de pensar de forma ordenada, coerente e investigativa, oportunizando-o a aprender e a questionar, mas o que é um “diálogo investigativo”?

O “diálogo investigativo” é a conversação, na qual o aluno possa aprender a se posicionar diante de situações, a ouvir os colegas, a respeitar as demais opiniões, a refletir sobre as respostas dadas, a justificar as afirmações, a reconhecer e corrigir seus erros, pensando neles como hipóteses, tentativas de acertos. Veja o comentário de Liliane Sanchez, professora de Filosofia sobre o “diálogo investigativo”, publicado na revista *Discutindo Filosofia* (nº 3): “[...] Lipman considera o diálogo a parte mais importante [...] o diálogo acontece com base no respeito mútuo, no reconhecimento dos participantes, na consideração das razões que sustentam as idéias propostas [...].(p.18)” Podemos concluir assim que o “diálogo investigativo” pode desencadear a prática do questionamento. Aprender a fazer perguntas é fundamental para que os alunos reúnam condições de compreender e relacionar a imensa quantidade de informações que lhes chega e sobre elas tomar decisões necessárias em todos os níveis de seu cotidiano.

A proposta “Filosofia para Crianças” se coloca como uma chance de olhar para a educação buscando novos horizontes. Respalado em Lipman, Malacarne coloca que:

Pensar na inserção da Filosofia na escola fundamental é estar disposto a olhar para as crianças, vendo nelas não adultos em miniaturas, mas crianças que são capazes de quando valorizadas, refletir com vistas a ter ideias próprias, o que é melhor, com grau de compreensão suficiente para se afirmarem e representarem um olhar concreto para a realidade (MALACARNE: 2005, p. 63).

Complementando o autor, pode-se dizer que a valorização do aluno oportuniza-o à prática de dialogar, de ouvir o outro, enfim filosofar.

Quanto ao método reflexivo de Lipman, Savater coloca que é “Um método, ou seja, um caminho para o pensamento, uma maneira de ver e argumentar.” (SAVATER: 1996, p. 11). Neste sentido, após pesquisas realizadas, constatou-se que “[...] crianças que são ensinadas a raciocinar através da Filosofia apresentam uma melhoria no raciocínio de 80% maior que as crianças que não foram expostas à Filosofia”. (LIPMAN: 1995, p. 50).

Para Lipman a Filosofia para Crianças tem a capacidade de mudar comportamentos nos alunos, porém a proposta de Lipman precisa ser analisada e adaptada à realidade brasileira na especificidade de nossa cultura, costumes, diversidade religiosa, capacidade afetiva e outros fatores que podem contribuir para efetivação do projeto na escola.

No Brasil, as experiências realizadas com a proposta “Filosofia para Crianças” contam com inúmeros trabalhos de pós-graduação, teses de mestrados e doutorados, assim como uma diversidade de livros, coleções paradidáticos, revistas, jornais, literatura infanto-juvenil, artigos, sites; ocorrem ainda seminários, congressos, simpósios, cursos presenciais e on-line, entre outros, abordando as temáticas relacionadas ao tema “Filosofia para Crianças”. Os materiais didático-pedagógicos apresentam a Filosofia na interdisciplinaridade, associada às outras áreas do conhecimento, não como doutrinação, mas como um método útil e necessário que estimula o raciocínio na busca de significados e construção de autonomia moral e intelectual.

Refletindo sobre a utilidade da filosofia na escola, educadores podem-se apropriar das palavras de Marilena Chauí, que questiona:

Qual seria, então, a utilidade da Filosofia?

Se abandonar à ingenuidade do senso comum for útil? Se não deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil? Se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil? Se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil? Se der a cada um de nós à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes. (CHAUI: 1998, p.18.)

A “utilidade” da Filosofia, muito bem colocada nas palavras de Chauí, aqui está considerada como um impulso à realização de algo “novo” dentro da escola, a procurar caminhos alternativos que possibilitem ao professor e ao aluno uma prática pedagógica reflexiva e democrática, inclusive no Ensino fundamental.

A FILOSOFIA COMO ESPAÇO DE REFLEXÃO NA ESCOLA

A proposta Filosofia para Crianças, uma experiência no ensino fundamental público desenvolvida em forma de projeto, o qual foi implementado em uma escola de Cascavel, PR, teve como objetivo criar espaços de discussões coletivas em que professores, alunos, pais, coordenação pedagógica, direção e profissionais da educação pudessem refletir sobre suas inquietações e inspirações pessoais, educacionais e/ou sociais, através de encontros e pesquisas de campo. Outra meta buscada era a de envolver a comunidade escolar no projeto, uma vez que sua participação era de suma importância na efetivação das atividades, legitimando suas ações como demandas educacionais e como um desafio proposto na intenção de um compromisso maior para com a educação naquela escola.

Conhecer e discutir a base teórico-metodológica que orientou o Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola era fundamental para que o professor pudesse realmente compreender a proposta “Filosofia para Crianças” e, ao internalizá-la, pudesse repassar aos alunos alguns hábitos filosóficos, como o diálogo investigativo, a formulação de questões, de hipóteses e autocorreção. Isso não significava impor, mas sim, propor uma forma de trabalho com base nas possibilidades de atendimento às necessidades do aluno.

As pesquisas de campo realizadas com alunos, pais e professores, no período de implementação do projeto na escola, serviram para nortear as ações a serem desenvolvidas no projeto. Com a análise, a partir dos dados diagnosticados nessas pesquisas, pode-se observar a pertinência, a adequação e a reprogramação das atividades pedagógicas durante o desenvolvimento do projeto.

Na pesquisa feita com os professores da rede estadual, investigou-se como o educador vê a disciplina de Filosofia no espaço escolar, em especial no ensino fundamental, no contexto atual da educação no Brasil. De acordo com os professores entrevistados, a Filosofia é considerada importante no espaço escolar, inclusive no ensino fundamental, uma vez que pode oportunizar o resgate das relações humanas, pois é no diálogo, na reflexão, na observação e no questionamento da realidade que o aluno poderá desenvolver a elaboração de conceitos e o pensamento crítico reflexivo, de forma que tais posicionamentos corroborem com o que os autores trabalhados ao longo deste trabalho já afirmaram.

Fazendo uma análise sobre as colocações feitas pelos professores, pode-se dizer que o resgate da Filosofia como educação significativa abre possibilidades para um maior

conhecimento e para novas relações sociais na estruturação da personalidade e da construção de identidade do aluno.

Parafraseando Lipman, pode-se dizer que se negarmos às crianças uma educação significativa, estaremos assegurando que a ignorância, a irresponsabilidade e a mediocridade que prevalecem atualmente entre muitos adultos continuem a acontecer.

O ato educativo adquire significação quando relacionado com a vida e a experiência do educando que, para aprender e para assimilar, deve descobrir o sentido e a importância daquilo que está sendo ensinado. Para tanto, faz-se necessário reflexão crítica e construtiva acerca do que está aprendendo.

Na pesquisa de campo realizada com os alunos envolvidos no projeto, foi constatado que a maioria deles não tinha o hábito de perguntar ao professor quando não compreendia determinado conteúdo ou suas explicações na intenção de sanar suas dúvidas. A maioria dos alunos entrevistados colocaram que tinham vergonha de perguntar ou não “gostavam” de fazer perguntas ao professor. Nessa questão, se evidencia a pouca interação entre professor e aluno, bem como a falta da oportunidade ao diálogo. A vergonha, no contexto, é sinônima de medo de ser ridicularizado pelos colegas e por que não dizer pelo professor, o qual, em muitos casos, não oportunizou o hábito de dialogar com seus alunos.

Quanto a outras questões feitas durante a pesquisa, é importante ressaltar que os alunos entrevistados, ao colocar suas diferenças, para o pesquisador, em seu modo de pensar ou sentir, souberam expressar-se bem, colocando suas opiniões de forma clara, inclusive em assuntos variados como relacionamento familiar e valores, conseguindo expressar os seus sentimentos e opiniões de forma transparente. Eis a importância de oportunizá-los a reflexão filosófica, pois, quando questionados, sentiram que suas ideias foram consideradas e valorizadas.

A prática reflexiva desafia alunos e professores a despir-se de conceitos que necessitam ser revistos, repensados, questionados, analisados, investigados e avaliados pelos alunos e professores envolvidos com a construção de uma educação significativa.

Outra atividade que fez parte do projeto foi a pesquisa realizada com os pais dos alunos envolvidos, em que foi questionado se eles discutiam com os filhos sobre determinados valores, como: justiça, liberdade, bem, mal, felicidade, amor e outros. Algumas colocações feitas pelos pais como: “É importante que desde criança já se tenha noção de valores a fim de tornar-se um indivíduo consciente e responsável”. Ou, ainda, “É

preciso ensinar o que é certo e o que é errado para compreender o mundo de hoje”. As colocações feitas pelos pais apontam para a necessidade que a família tem de um respaldo pela escola na educação do filho (mesmo que esta pouco faça neste sentido), não contando apenas com a educação formal, mas integral do aluno e é nesse particular que o trabalho com a Filosofia pode fazer a diferença.

Quanto ao questionamento, feito aos pais dos alunos, sobre a importância da Filosofia no espaço familiar e escolar pode-se observar que os mesmos a consideram essencial ao desencadear o diálogo cotidiano abrindo possibilidades de se trabalhar o entendimento e o respeito para com a família, escola e sociedade. Na escola a filosofia contribui na construção de um pensamento crítico e reflexivo para aquisição dos conteúdos apresentados em sala de aula. A escola como espaço social na qual a educação formal ocorre num contexto específico com a intencionalidade de instrumentalizar os indivíduos para que alcancem a autonomia e respondam aos desafios do ambiente assim como busquem melhorar este mesmo cotidiano.

A presença da família dos alunos no projeto foi importante para oportunizar aos pais refletirem sobre suas inseguranças, relações familiares ou perspectivas. Como sabemos a participação dos pais não ocorre espontaneamente, se constituindo como um processo de construção coletiva, colocando-se a necessidade de prever mecanismos institucionais que viabilizem e incentivem práticas participativas dentro da escola e que apontem para a qualidade do ensino.

A falta do acompanhamento da família na vida escolar do filho é uma realidade a qual precisa ser refletida e analisada no espaço escolar, onde as decisões devem ser tomadas coletivamente na intencionalidade de efetivação das ações. A escola deve ser vista como espaço de formação do ser humano em todas as suas dimensões e ao resgatar a Filosofia estará no resgate de seu objeto de estudo, o ser humano nas suas relações com as pessoas e com o mundo e a escola, oportunizando a aprendizagem bem sucedida e a formação do cidadão consciente do seu papel na sociedade, possibilitando inclusive elementos a mais neste resgate do papel da família na escola.

ESTRATÉGIAS PARA UM PENSAR FILOSÓFICO: DO CAMINHO PERCORRIDO

Como o objetivo deste artigo é socializar uma experiência realizada com alunos do ensino fundamental sobre os limites e possibilidades da Filosofia no espaço escolar, não se pode deixar de refletir sobre como os professores, envolvidos nesse projeto,

analisaram a proposta de Lipman, Filosofia para Crianças. Foi interessante ver como a proposta de Lipman é ainda desconhecida, para maioria dos professores daquela escola, mesmo sendo uma escola localizada em um bairro mediano de uma cidade com alto IDH. Por outro lado, ao conhecê-la, percebeu-se o quanto ela foi instigante para estes, uma vez que, ao estudá-la, a mesma traz, como resultado, a inserção desses educadores a esta nova perspectiva de conceber a Filosofia em sala de aula.

Quando questionado aos professores sobre a viabilidade das estratégias didáticas de Lipman em sala de aula, constatou-se que a maioria dos professores acredita que esse pode ser um caminho viável para a inserção da Filosofia no Ensino Fundamental, pois Lipman visa a estimular a reflexão crítica, em que o diálogo filosófico é o caminho autêntico para se “filosofar”. Alguns professores colocaram que as estratégias de Lipman, embora viáveis, são alternativas e não receitas para o sucesso do desempenho da relação professor-aluno.

Teoria e prática, na maioria das vezes, precisam se ajustar à realidade e ao contexto no qual vão ser aplicadas e com a proposta de Lipman não é diferente, e o que se espera do educador que pretende trabalhar com o material produzido pelo autor citado é que ele possa extrair dela um conjunto de ações e sugestões metodológicas que vão muito além da letra do texto. Todo e qualquer material didático deve ser questionável, analisado e avaliado quanto a sua eficácia e é função do educador, que se considera reflexivo continuar investigando o material e o método sugerido por Lipman.

No desenvolvimento das ações do projeto e nos encontros com os alunos, foi possível compreender que a proposta apresentada por Lipman de promover nas crianças uma educação para “o pensar” não é algo tão fácil de ser concretizado principalmente se levarmos em conta que o ambiente escolar que temos nos dias atuais não possibilita ou permite este “filosofar” com crianças. Na atual perspectiva em que está fundada a escola, tal inquietação precisará de tempo, disponibilidade e persistência por parte daqueles que acreditam no sucesso desse desafio.

Acredita-se que é tarefa daquele que se dispõe a fazer filosofia com crianças criar formas, métodos e condições criativas de utilizar qualquer material, produzido para essa finalidade, uma vez que a Filosofia é reconhecida como ciência e arte ao mesmo tempo. É necessário criar e arriscar metodologia que efetivamente ajudem a criança ao pensamento lógico e criativo, sem medo da censura dos adultos, mas dentro dos seus limites e possibilidades e isso, no entanto, demanda muito trabalho.

Após analisados alguns dos materiais didáticos e da metodologia utilizados na proposta Filosofia para Crianças, produzidos pelo Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, os professores tiveram a oportunidade de avaliar as ações realizadas durante o desenvolvimento do projeto. O que se observou nessa avaliação foi que alguns professores não possuíam conhecimentos considerados relevantes quanto ao estudo ou ensino da Filosofia, enquanto disciplina escolar, mas que, ao entrar em contato com o material produzido para o curso, logo se apropriaram dos conceitos filosóficos. Demonstraram grande interesse em avançar nos estudos e pesquisas sobre a Filosofia no espaço escolar com a intencionalidade não só de melhorar sua prática pedagógica, mas também de possibilitar uma melhor interpretação de sua própria realidade, demonstrando a importância de que tais propostas cheguem concretamente até as escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia-a-dia da escola, os alunos se deparam com situações que os levam a pensar, fazer perguntas, mas poucos são os que questionam, e isso foi evidenciado nos encontros com alunos que fizeram parte do projeto desenvolvido. Alguns alunos criticam certos comportamentos no espaço escolar, vendo a escolar com uma postura de vigilância, de punição e domesticação as normas, mas precisam ser desafiados quanto à organização de seus pensamentos e a fazer uso do “diálogo investigativo”.

Sobre essa questão pode-se citar as colocações feitas por uma professora participante do projeto:

[...] se o aluno não pensa, não faz assimilação de forma efetivas daquilo que lhe é ensinado, obviamente ele não aprende, pode até “decorar”, mas mais cedo ou mais tarde irá esquecer. O problema com o nosso educando é diferente daquele enfrentado pela geração “fruto da ditadura militar” a qual foi coibida de pensar, de exercer sua cidadania através da emissão do pensamento. O que acontece com a juventude contemporânea é que ela sofre de uma “overdose” liberal, pois tudo que nos é imposto é desprezado, inclusive o ato de pensar. À geração anterior foi castrado esse “direito”, então ela o ignorou. Faz parte da condição humana (talvez cultural) contrariar regras. Em nenhuma outra época, no Brasil, houve tanta preocupação com o ensino. O resultado da rebeldia às regras estabelecidas pela sociedade brasileira vigente, a qual incentiva a educação é a alienação. A indisciplina é a consequência de tais imposições cabe, porém, ao professor preparar-se para atuar em sala de aula. É necessário munir-se de um bom material didático, contudo favorecendo a autocrítica. (Professora I.S.)

Considerando as colocações da professora I. S. é importante despertar no aluno o pensamento questionador que instigue a argumentação de suas ideias: que razões as justificam, há necessidade de ver a escola por outros ângulos, por quê? Quais?

A tentativa pioneira de Lipman, “Filosofia para Crianças”, é conhecida pelas pesquisas publicadas e experiências realizadas com crianças do mundo todo, mesmo que no Brasil ainda seja pontual. A proposta foi considerada pelos educadores que fizeram parte deste projeto como algo de profundo impacto na rotina escolar e um desafio para as instituições escolares que, preocupadas em melhorar o sistema educativo, abrirem a porta aos alunos para que “aprendam” a pensar, que os desafie a pensar cientificamente, isto é, um pensar que instigue a curiosidade, a investigação, a argumentação, a criticidade e a criatividade na construção de um pensamento organizado, autônomo e democrático, essa é função ou utilidade da Filosofia no espaço escolar.

Segundo Lipman, as transformações educacionais só serão possíveis diante da mudança do foco da educação: “[...] a mudança do aprender começa com o pensar. Queremos alunos que pensam por si mesmos, e não alunos que só aprendam o que outras pessoas pensaram”. (LIPMAN: 1995, p. 112).

Na mesma perspectiva de Lipman, Malacarne coloca.

A criança que filosofa tende a ser mais atenta e buscar a informação que lhe permite um conhecimento aprofundado, tornando-se apta a questionar e a lidar com o desconhecido. É o aluno que aprende mais do que a escola, ou que o mundo dos fenômenos lhes apresenta. (MALACARNE: 2005, p.68).

Diante das colocações feitas por Malacarne, pode-se dizer que é necessário levar o aluno a questionar, a procurar respostas para os problemas, ou seja, ele deve ser estimulado a rever alternativas de soluções para situações concretas no dia-a-dia, alternativas que devem ser examinadas, comparadas, questionadas filosoficamente, isto é, desestabilizando verdades postas como únicas e articulando a possibilidade de construir novos conceitos. A Filosofia se faz uma coisa viva quando se inspira nos conceitos do passado para criar os próprios conceitos, para os problemas atuais. Neste sentido, Deleuze coloca que: “[...] se podemos continuar sendo platônicos, cartesianos, Kantianos hoje, é porque temos direito de pensar que seus conceitos podem ser reativados em nossos problemas e inspirar os conceitos que é necessário criar” (DELEUZE e GUATTARI, 2000, p. 41).

Pensando assim, é impossível desvincular Filosofia de filosofar, assim como é impossível desvincular a Filosofia de nossas vidas. Porém, o estudo da Filosofia, quando na escola, não tem a intenção de determinar a direção da formação dos alunos, mas permitir-lhe a liberdade de poder construir-se a si mesmo.

O maior desafio da proposta de Lipman é como desencadear no aluno a vontade, a motivação para uma educação para o “Pensar”, em que o questionamento e o diálogo sejam a base do conhecimento, e isso foi proposto no projeto desenvolvido na escola não só teoricamente, mas levando a prática da proposta de Lipman para a sala de aula em que se pode observar que atualmente os alunos (no caso da 5ª série - integrantes do projeto) demonstraram, quando instigados, interesse no trabalho filosófico.

Sempre nos cabe questionar e ressaltar a importância da ação do educador como mediador do conhecimento e do desenvolvimento dos alunos que, apesar de considerarem a proposta maravilhosa, não se consideram preparados para colocá-la em prática, uma vez que a mesma não é proposta pelas políticas públicas, inclusive do Paraná.

Cabe citar aqui Gadotti quando coloca que a formação continuada do professor deve ser concebida como reflexão, pesquisa e ação, descobertas, organização, fundamentação, revisão e construção teórica e não como mera aprendizagem de novas técnicas, atualização em novas receitas pedagógicas ou aprendizagem das últimas inovações tecnológicas. Assim enquanto não houver investimento em uma formação de professores em que tais perspectivas também façam parte, esta questão tende a manter-se na mesmice. Na mesma direção e como consequência imediata, aquilo que poderia gerar uma inquietação nos alunos e professores, uma inquietação pelo querer saber, entender, compreender, “filosofar”, seguirá o mesmo caminho e os índices de desempenho, via avaliações nacionais ou internacionais, apenas refletiram essa realidade.

Neste artigo, apresentaram-se alguns dos pontos de destaque do projeto “Filosofia para Crianças - Uma experiência no Ensino Fundamental Público” sua fundamentação teórica, estratégias e objetivos propostos. Certamente, muitas das questões aqui colocadas foram somente apresentadas e precisam de uma fundamentação que não é possível desenvolver aqui devido os limites desse artigo. O que se buscou foi chamar o debate sobre a questão dentro e fora do espaço escolar.

No trabalho com a Filosofia, não se tem a pretensão de colocar ideias prontas e acabadas, mas sim de indicar uma direção para a construção coletiva, que se apoia, acima de tudo, na indagação filosófica. Como tal é, por excelência, questionadora, eis a

razão e o motivo de se convidar crianças, professores, pais, funcionários e profissionais de cada escola a participar da construção coletiva de uma prática em que problematizar é fundamental quando se busca resolver os problemas que se acometem na escola e em seu processo pedagógico.

Enfim, o que se busca a partir do trabalho realizado e das inquietações aqui colocadas é, em última instância, avaliarmos a consolidação de uma prática docente transformadora das condições que geram o fracasso escolar e que oportunize condições para uma melhoria do ensino e que requerem o aprofundamento e a continuidade e análises das práticas empreendidas e caracterizadas como aquelas apontadas nesse estudo. Um processo educativo que visa à valorização do aluno como ser humano integral passa pela reconstrução de sua identidade, pela sensibilização e preparo dos professores para uma atuação consciente de que nem todos se tornarão filósofos, mas todos podem passar pela experiência filosófica e isso, que supõe um trabalho contínuo, tende a gerar bons frutos.

REFERÊNCIAS

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. 7ª ed., São Paulo: Ática, 1998.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 3ª ed., 2000.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Curitiba: Positivo, 2005.

GARCIA, D. **Filosofia para iniciantes**. Disponível em: <http://www.aprendebrasil.com.br/entrevistas/entrvista0050asp>. Acesso em 25 abr. 2009.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Agência Estadual de Notícias **Ideb aponta PR líder na qualidade da educação nas séries iniciais do Ensino Fundamental e Médio**. Disponível em: <http://diaaida/alunos/modules/>.> Acesso em: 2 jul. 2009.

_____. **DCE- Diretrizes Curriculares de Filosofia da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná**. Curitiba, 2006.

LIPMAN, M. **O Pensar na Educação**. Trad. Anna Mary Fighier Perpetuo. Petrópolis: Vozes, 1995.

MALACARNE, V. **Formação dos professores e o Espaço da Filosofia**. São Paulo, 2005. Texto de Qualificação. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Mimeo.

NOGUEIRA, N. **Filosofia para Crianças**. Disponível em: <<http://br.geocities.com/chidphilos/>>
Acesso em: 25 abr. 2008.

SANCHEZ, L. Filosofia para Crianças. **Revista Discutindo Filosofia**. Ano 1, nº. 3. São Paulo, 2006.

SAVATER, F. **Ética para Meu Filho**. Trad. Mônica Stahel. 2º ed., São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SHARP, A. M. “Filosofia na Educação das Crianças”. In: KOHAN, W. O. & WUENSCH, A. M. (Org) **Filosofia para Crianças. A Tentativa Pioneira de Matthew Lipman**. Vol. I., 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2000.

TELES, M. L. S. **Filosofia para Crianças e Adolescentes**. 11ª ed., Petrópolis: Vozes, 1999.